

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 28 de Agosto de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 66

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

AVISO

Será suspensa a remessa desta folha aos assignantes que não pagarem suas assignaturas até o mez de Setembro proximo.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 23 DE AGOSTO DE 1887.

O SENADO

V

A camara vitalicia approvou o requerimento do honrado senador o sr. Leão Vellozo, solicitando copia das peças que instruíram o recurso de graças, provido em favor de Gustavo Adolpho Cordeiro Pinto, causando assim mais umavez ao nobre presidente do conselho.

O conflicto entre o poder executivo e o ramo permanente do corpo legislativo, continúa a accentuar-se em vivas e patrióticas demonstrações, de que resultam grandes perdas da força moral e politica do actual gabinete.

Se pelo lado da lealdade administrativa fraco é o governo que esconde as provas de seus actos aos representantes da nação, pelo aspecto politico, o voto do

do senado exprime a condemnação do atrazo, e statu quo doutrinário, da politica de regeneração, tendente a debellar o partido republicano, oppondo-lhe a excellencia democratica da monarchia temperada.

A opposição liberal que parece estar presentemente unida e congraçada, sob a aspiração de promover a promulgação da ultima lei, que finalize a questão do elemento servil, procede agora com a mesma coherencia com que Zacharias deixou o poder em 16 de Julho de 1868, depois de ter sustentado e demonstrado na camara temporaria, em 27 de Maio, a responsabilidade dos ministros pelos actos do poder moderador.

Dizia elle, naquelle epoca:

«Senhores, o nobre deputado pensa, com os alludidos artigos da imprensa, que tendo eu ha tempos sustentado a idéa de que cabe responsabilidade dos ministros em actos do poder moderador, a minha opinião é que o deposito sagrado do poder moderador reparte-se com os ministros; e desta falsa opinião que me attribue, e que eu nunca emitti, tirou o nobre deputado a consequencia que lhe approvei: que n'uma escolha dada fizera eu valer a doutrina que sustento.

Sr. presidente, o que eu sustentei e sustento é que seja nullo embora, como reconheço, o complexo de attribuições do poder moderador um deposito sagrado que a Constituição confiou ás mãos imperiaes, a referenda do ministro nunca é um simples acto de tabellição que verifica a identidade da imperial assignatura (muitos apoiados), mas um acto que tem valor juridico. (Muitos apoiados).

De sorte que na doutrina assim expedita ha dous direitos harmonicos Um é o direito da corôa que não receba inspirações na escolha de senadores.

«A doutrina nessa... nem haverá ministro que ouse influir em tal escolha. Eu era incapaz de fazê-lo...»

Vozes:—Muito bem.

O sr. presidente do conselho:—... não tenho amigos nem afilhados perante a corôa, e tratando-se de escolha de senadores, muito menos. Em harmonia com o direito da corôa es, porém, o direito incontestavel que tem o ministro de, em uma occasião dada, pagar respectosamente a sua referenda á escolha, e retirar-se...

Vozes:—Muito bem.

O sr. presidente do conselho:—... se entender em sua consciencia que deve fazê-lo.

Deste modo a doutrina da Constituição é a mais sensata, não ha ministro que se atreva a insinuar á corôa que Pedro é melhor que Paulo, no caso de escolha de senadores; mas tambem o ministro, que

é uma entidade politica de ordem elevada, e não um tabellião, pôde alguma vez dizer—seja isto feito, mas não com a minha referenda.

Respondendo ao sr. barão de Cotegipe, na discussão do voto de graças, disse tambem o sr. Saraiiva, em 6 de Julho de 1869 e em referencia as doutrinas sustentadas por Zacharias, o que vamos recordar:

«O nobre ministro da marinha que no anno passado contestára á corôa até o direito de dar uma caixa de rapé aos monges beneditinos... (Risadas).

O sr. Silveira Lobo:—Era então um liberal de polpa!

O sr. ministro da marinha:—Ainda hoje sou mais liberal que V. Exc.

O sr. Saraiiva:—O nobre ministro da marinha, que contestava até o direito de dar o Imperador uma caixa de rapé aos frades bentos pelo acto mais patriótico que elles teem praticado neste seculo, vem contestar a doutrina razoavel, legitima, constantemente defendida perante o paiz na outra camara e no senado pelo illustre senador pela Bahia, doutrina que prevalece na Inglaterra, e prevalecerá em todos os paizes onde o systema constitucional for uma verdade.

Qual é essa doutrina? Tome a sua formula mais liberal, a sua formula mais revolucionaria, a formula de Thiers, o rei reina, não governa.

O que quer dizer esta doutrina, sr. presidente? Quer dizer que nenhum acto do poder real, nenhum acto do rei pôde ser expedido sem que o ministro convenha nisso. Se o minist o não quizer, não o executa, e retira-se do poder. Essa doutrina quer dizer que não ha acto algum do rei pelo qual não sejam responsaveis os ministros.

«A doutrina que prevalece na Inglaterra, e que mais, e a doutrina ensinada por Benjamin Constant, que foi o primeiro que estabeleceu distincção entre os actos do poder executivo, e do poder real, e é inspirador dessa parte da nossa Constituição, que se chama poder moderador.»

A causa apparente da retirada do 3 de Agosto, foi a escolha de senador pelo Rio Grande do Norte, e a recusa de referenda ao acto manifestada pelo gabinete de 3 Agosto.

Conhecidas as doutrinas repetidas em 27 de Maio de 1868, pelo presidente do conselho de ministros, não ha duvida ter sido a monarchia quem buscou um pretexto para despachar, não só o ministério, mas a situação, com maioria na camara temporaria, em 16 de Julho.

Entre os conservadores, a questão não ficou terminantemente elucidada e a opposição do senado não creou agora re-

curso novos, combatendo o regresso do ministerio.

O sr barão de Cotegipe em 5 de Julho de 1869, não discutio profiscentemente o assumpto e nem o fez no presente.

Ladeou-o naquelle tempo citando factos da historia da Inglaterra, para demonstrar que a rainha interveio no governo e ordenou em certa epoca a Palmerston que não publicasse os despachos sem que ella previamente os visse.

Consumio ainda longo tempo em cotejar opinões do senador Zacharias, sem tornar-se positivo sobre a questão principal—a referenda facultativa ou obrigatoria.

O visconde de Itaboraiby, presidente do conselho, entendendo que o rei reina, governa e administra, reconheceu o recuo, que os ministros podem recusar execução a ideias que delle partam como chefe do poder executivo, afirmando-o no di-curso de 7 de Julho de 1869, talvez para completar o do actual presidente do conselho, do 20 de Agosto.

Chegou afinal a occasião oportuna para declarar o nobre barão, que os actos privativos da corôa, presuppõem a infalibilidade magestatica na creatura humana, não dão origem á responsabilidade alguma.

De sorte que na opinião do honrado barão, o rei nunca faz mal, embora possa basear-se em informações de ministros ou conselheiros que o iludam.

As declamações, com que o illustre autor do póde, quer e deve, tenta lisongear a regencia e compromettê-la com a sustentação de doutrinas do direito divino, opporemos ainda o que disse José Bonifácio, em 15 de Julho de 1861:

«Os ministros são responsaveis ainda porque a Constituição declarou os conselheiros de estado responsaveis tambem, pelos conselhos que dêsem em referencia aos actos do executivo, e por consequente com mais razão o devem ser os executores creados pela lei (arts. 142 e 143 da Constituição). Mostra esta distincção que a responsabilidade do conselheiro não exclue a do ministro, porque são diversas em sua natureza e acção. A criminalidade do que aconselha não importa a não criminalidade do mandatório, e a propria Constituição declarou os conselheiros responsaveis sómente pelos conselhos oppostos ás leis e aos interesses do Estado, manifestamente dolosos.

Esta doutrina predominou nas discussões que tiveram lugar por occasião da adopção do acto adicional. Pôde-se dizer que aquelles que pediram es a reforma tiveram dous fins: libertar a corôa e fortificar a responsabilidade dos ministros. (Apoiados).

Os ministros são responsaveis, porque

em todo o systema de forças a maior absorve a menor, e o equilibrio suppõe limites legais (art 9º da Constituição).

Os ministros são responsaveis, porque a lei de 1841, que restaurou o conselho de estado, restringindo a responsabilidade dos conselheiros aos simples conselhos dados nos negocios relativos ao poder moderador, firmou tudo mais que dispõe a Constituição.

A lei da responsabilidade, no art. 7º, depois de classificar os crimes dos ministros, declara os conselheiros incursores nas mesmas penas em que aquelles o são por crimes analogos. Ora, na Constituição a responsabilidade do conselheiro referia-se aos actos do executivo e do moderador; logo, a lei suppôz tambem um ministro criminoso e punivel segundo determina em seus artigos, pela execução das deliberações do poder moderador.»

O governo parlamentar, define Prevost Paradol—é aquelle em que as assembleas governam directa ou indirectamente como parlamento e não como conselhos, tendo direito de iniciativa e consequentemente, o de exercer a haute main sur toutes les affaires.

A declaração do nobre presidente do conselho, de que não mandará copia alguma ao senado, collocou a camara vitalicia na posição de proceder de modo a manter in actas suas regalias e attribuições, succeda o que succeder.

Os desastres que f-rem o governo que de tudo zomba e tudo desorganisa, não cabem na conta de alguém, explicam-se pela propria imprudencia do ministerio.

Um governo que nega esclarecimentos ao senado, não tem direito a lei de meios, nem a testemunhos de confiança politica.

Não se trata de questão partidaria, mas de salvar as boas praticas parlamentares.

E. poderá a regencia intervir neste conflicto valendo-se das proprias opinões dos srs. Cotegipe e Itaboraiby, que lhe deram o direito de inspecionar e exercer iniciativa até nos actos do poder executivo, discutindo com os ministros e impondo-lhes suas opinões?

Agora começa a apparecer o lado inconstitucional da questão.

A responsabilidade que os ministros regeitam, principia a recahir inteira sobre o imperante cuja pessoa é inviolavel e sagrada.

Ficam de novo em discussão os destinos da monarchia conjunctamente com as agonias da escravidão.

O senado não faz politica no sentido activo de derribar ministerios, mas a camara vitalicia dirige a politica, formando

ao desfildero! O primeiro homem que apparece recebe a minha bala, tu encarragas-te do segundo, e assim por diante. E' necessario não perder dous tiros para um só.

— Mas se tu errares fogo?

— Não tenhas medo que isso me aconteça!

Os aggressores, depois do tiro de Marks, ficaram por um momento irresolutos.

— Parece-me que houve alguém de ferido, porque ouvi um grito! diz um d'elles.

— Eu cá, vou começar a escalada! diz Tom. Nunca tive medo dos pretos, e não começarei agora; sigam-me!

— Jorge ouviu distinctamente as palavras; amou o gatilho da sua pistola, e apontou-a sobre o angulo por onde sabia que devia desembocar o primeiro aggressor.

Um dos mais corajosos seguiu Tom, e a exemplo d'este, os outros começaram tambem a subir, os ultimos empurrando os primeiros mais depressa talvez do que desejavam.

Depois d'um momento de espera, o vasto corpo de Tom fez a sua apparição quasi á borda da fenda do terreno.

Jorge desparou; a bala penetrou no lado do inimigo, que, posto que ferido, não recuou. Deo um grito selvagem, semelhante ao d'um touro furioso, e ia a saltar por cima da fenda, cahindo no meio do grupo dos fugitivos, quando Phineás, correndo ao lugar do perigo, e empurrando Tom com seu longo e musculoso braço, lhe diz:

— Não é nada, Eliza! diz Jorge immediatamente.

— Era melhor pôr-te a coberto, diz Phineás; os velhos d'aquella qualidade não respeitam os parlamentarios.

— Agora, Jim, diz Jorge, vê se as tuas pistolas estão bem carregadas, até teu-

poupar a minha pelle! diz Mark; é o que tenho de mais precioso, e os escravos tambem por vezes se batem como desesperados!

Nesse mesmo momento Jorge appareceu no cume d'um rochedo por cima d'elles, dizendo-lhes, com voz forte e clara:

— Senhores! quem são, e que pretendem?

— Procuramos um bando de escravos fugitivos, responde Tom Loker; um chamado Jorge Harris, Eliza Harris, seu filho, e Jim Seiden, com uma velha, sua mãe. Vem conosco officiaes de justiça, que trazem um mandado de prisão; e os ditos escravos fugitivos não nos farão correr mais tempo após elles, eu lhe asseguro! Não és tu mesmo por ventura Jorge Harris, pertencente a Mr. Harris, do Condado de Shelby, no Kentucky?

— Sou com effeito Jorge Harris, que um Mr. Harris do Kentucky julgou por muito tempo sua propriedade; mas agora sou um homem livre, e minha mulher e meu filho pertencem-me. Jim, e sua mãe estão aqui igualmente. Temos braços para nos defender, e defender-nos-hemos. Subam, se querem; mas advertito-os que o primeiro que estiver ao alcance da minha pistola é um homem morto, e todos vocês terão a mesma sorte!

— Vamos, vamos, nada de fanfarrices! diz um enorme gordanchudo, adiantando-se, e assoando-se ao mesmo tempo com grande ruido. Não é assim que deves fallar, rapaz! Bem vêes que somos officiaes de justiça! Temos a lei em nosso favor, temos a força, e tudo o mais. Por consequente, entreguem-se todos tranquillamente, porque não têm outro remedio!

— Bem sei que têm a lei e a força em seu favor; diz Jorge, com amargura. Sei que querem roubar-me minha mulher para a irem vender á Nova-Orléans; que querem vender meu filho, como uma vitela, a um marchante de carne humana; que querem entregar a velha mãe de Jim ao brutal, que a lacerava de acóites e a injuriava, porque já não podia fazer o mesmo ao filho, que lhe havia escapado. Sei que querem entregar-nos, Jim, e eu, a es es que chamais nossos senhores, para que possam á sua vontade atormentar-nos, e calcar-nos aos pés; porque as vossas leis assim o permittem!... Infamial... Mas descansem, que ainda nos não têm nas mãos!... Não reconhecemos as vossas leis, somos livres! E por Deus que nos ouve, e nos julgará a todos, asseguro-lhes que combateremos pela nossa liberdade até á ultima pinga de nosso sangue!

Jorge estava em pé sobre o cimo do rochedo; os avermelhados reflexos da aurora inflamavam ainda mais seu animo do rosto; seus olhos chamejavam de indignação e de desespero, e, para appellar da injustiça dos homens para a justiça de Deus, levantou a mão ao céu, ao pronunciar essa energica declaração de independencia.

Se fosse algum dos defensores da Hungria, protegendo corajosamente n'um desfildero de montanhas a retirada de seus irmãos, para se refugiaem na America, ao abrigo das crueldades da Austria, todos achariam n'esse acto um heroismo sublime; mas era um pobre descendente da raça Africana, protegendo a retirada de alguns fugitivos como elle para o Canadá, e somos assás civilisa-

dos, temos assás de patriotismo, para não vêr nisso o menor heroismo! Se algum dos nossos leitores tiver uma semelhante idéa, a responsabilidade é sua. Quando os Hungaros, redusidos á desesperação, se abem caminho para se refugiaem na America, fugindo ás barbaras sentenças d'um governo legal a imprensa e a tribuna Americanas resoam de applausos; mas quando pobres Africanos, desesperados, fazem outro tanto, e... Que nome é que dão a isso?

Seja como for, é certo que a attitude, o olhar, e o tom do orador redusiram por um momento ao silencio aquelles a quem elle se dirigia. Ha uma certa cousa na coragem e na resolução, que impõe mesmo ás naturezas as mais grossieras. Marks foi o unico que não partilhou esta impressão. Carregou tranquillamente a sua pistola, e, durante o momentaneo silencio que seguiu o discurso de Jorge, apontou sobre elle, e descarregou.

— Camaradas! diz elle friamente, depois de atirar, a recompensa é a mesma, que o apauhemos morto, ou vivo!—limpando a pistola na manga da casaca.

Jorge deo um salto para traz, e ouviu-se um lastimoso grito de Eliza. A bala havia só chamuscado um pouco os cabellos de Jorge, e roçado uma das faces de Eliza, foi embotado-se n'uma arvore visinha.

— Não é nada, Eliza! diz Jorge immediatamente.

— Era melhor pôr-te a coberto, diz Phineás; os velhos d'aquella qualidade não respeitam os parlamentarios.

(Continúa)

FOLHETIM

(66)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVII

A resistencia de um homem livre

O grupo dos aggressores, que começava a distinguir-se de minuto a minuto, á medida que o horizonte se esclarecia, era composto dos nossos antigos conhecidos, Tom Loker, e Marks, acompanhados de dois «constaveis», e seguidos alem d'isso de alguns vagabundos, ganhados com uma distribuição d'agua-ar quente na ultima taverna, a encantados de ter parte n'uma expedição d'este genero.

— Pensas então, Tom, que os coelhos estão na toca? diz Marks.

— Pois não os vês d'aqui lá em cima dos rochedos? responde Tom. Sigam-nos, porque d'aqui não podem escaparnos, excepto se se deitarem da rocha abaixo.

— Mas, Tom, é que elles podem atirar sobre nós lá de cima, diz Marks, e isso não seria lá muito agradável!

— Não pensas senão na tua pelle, coarde que tu és! lhe responde Tom. Não tenhas medo, bem sabes que os escravos ainda são mais poltrões do que tu!

— Não sei porque motivo eu não deva

do opinião, para esclarecer o paiz e coudonar a alta traição ministerial. Cumpre não confundir os efeitos de um voto de censura do senado, com o direito de fazer politica por meios mediatos.

Ou basta uma só camara para que funcione o systema parlamentar ou dada a existencia da segunda, forçoso é não transformal-a em chancellaria da primeira.

O ministerio da escravidão vae continuando a sua não invejada tarefa: Transtornar tudo.

F. C.

Sino do «Collegio»

Posturas municipaes determinam que os negociantes são obrigados a fechar suas portas sob pena de multa, ao toque de recolher.

Perguntamos nós á camara que *toque de recolher* é esse?

Será o toque do corneta no quartel de permanentes ou de linha?—certamente que não.

Não nos consta que nenhum cidadão, a não ser o coronel Cantinho e o tenente-coronel das *ditas*, hoje imperador do Divino, que são os únicos que ainda hoje usam do fardamento da guarda nacional—seja obrigado a saber o que dizem as cornetas.

Para nós qualquer toque de corneta é uma chamada aos soldados para comer cangica.

Mesmo o republicano Carmilinho, que é alferes da guarda nacional e o Lopes de Oliveira que é capitão da 5ª companhia da dita, de Sorocaba, duvidamos que entendam de *toques de recolher*.

Ora, querer obrigar os negociantes a fechar suas portas, sob pena de multa, sem existir um signal que determine a hora marcada de fechar os negocios—é simplesmente uma injustiça.

Todos sabem que a Irmandade da Misericórdia, sempre que sahia á rua incorporada, levava deante de si um irmão tocando campainha. Sabem todos que a irmandade não sae mais á rua. Achavamos de boa ideia que o sr. presidente da camara comprasse essa campainha, cujo badalo está todo enferrujado por falta de quem toque... e quando não quizesse elle mesmo prestar esse serviço ao commercio, tocando aquella campainha pelas ruas, ás 10 horas da noite.

Mesmo mandasse um empregado da Illustrissima desempenhar essa tarefa.

Segundo estamos informados o fiscal Azevedo, que é o rapaz mais sympathico da camara, presta-se a chocalhar o badalo municipal, independente de qualquer gratificação.

O sino do «Collegio» ha muito tempo que cessou de recordar ás 10 horas, os tempos colonias.

Dous audazes gatunos

De tempos a esta parte, apparecam nesta capital, onde fizeram a sua séde, dous miseraveis gatunos e impostores:—um, muito conhecido no norte da provincia, pelas velhacadas, patoadas e sandices que por lá praticou;—outro, um pobre miseravel, um pobre tratante, sem occupação decente, oriundo da raça italiana.

Procuraram esta cidade, porque sendo grande, com mais facilidade os ladrões, gatunos, *cafrens*, podem aqui exercer a sua profissão por muito tempo sem serem importunados pela policia.

O primeiro, dizendo-se espirita, tem sabido por esse meio, inutilisar o espirito fraco de uma pobre mulher, que elle traz encerrada e debaixo de espias em sua casa, e, por estes e outros meios fraudulentos, vai roubando toda a fortuna dessa infeliz senhora, que, completamente douda, pelo *espiritismo*, que lhe préga esse tratante, se deixou dominar de tal forma, que esse patife já tem como proprios os bens que pertencem á essa desgraçada.

Já, não poucas pessoas fallam destes factos que são commentados todos os dias e sobre os quaes só a policia tem-se mostrado inerte.

O segundo, vagabundo conhecido, sem occupação definida na sociedade e... até *CAFREN*, vivendo dos lucros sortidos que lhe offerece a sua infeliz mulher, é o auxiliar do primeiro tratante, comparsa e cúmplice nos roubos constantes que aquelle faz a essa pobre martyr e douda—victima desses dous ousados gatunos.

Ambos, fingindo-se espiritas, para, com mais facilidade acobertarem sob o puro doutrina, as mazellas que têm

em mão,—foram, ha muito, repellidos das sociedades espiritas que existem nesta capital, por serem considerados homens deshonestos, incapazes de tomar parte em reuniões onde vão só homens de bem.

O primeiro diz ter dentro de si o espirito duplo de Christo e Tiberio, e traz por esse motivo, longa cabelleira, especie de cauda de burro, se... estivesse collocada n'outro logar.

O segundo é um desgraçado sem peçoço. Com a cartolla immunda, anda quasi correndo sem ter movimento certo. Tem os movimentos indecisos, vagos, do verdadeiro vagabundo, que é o que elle é Frequenta as tascas mais immundas desta cidade, servindo de *ouze letras* tanto para a sua casa, como para a de outras infelizes.

E' preciso que o exm. dr. juiz de orphans ponha cobro nos bens daquelle infeliz senhora, a quem nos referimos em principio, para que no futuro não sejam prejudicados os direitos de muitos herdeiros que ella tem.

Se essa pobre douda não faz despropósitos que incommodem ao publico, nem por isso deve deixar de merecer menos compaixão do que merecem outros loucos que,—victimas dessa triste molestia—não têm consciencia nem liberdade para administrarem seus bens.

Se o nojo que inspira semelhante individuo, a vida irregular que tem, pregando a prostituição a suas proprias filhas, arredam os parentes dessa douda de requererem qualquer providencia no sentido de garantir os bens que são delapidados por esse tratante e seu comparsa, nem porisso fallecem á justiça os meios necessarios para garantir os direitos dos demais herdeiros dessa desgraçada—digna de melhor sorte.

A policia, que todos os dias prende gatunos por furtos insignificantes, não deve consentir que, nesta capital, esses dous ladrões exerçam impunemente sua profissão, fechando ella os olhos sobre taes factos.

Qual Christo, qual Tiberio! O que precisas esses ladrões é—*cauda!*

Negocios de Bragança e Jacutinga

Segundo estamos informados, partiu para Jacutinga o illustrado subdelegado de Bragança...

como ministro plenipotenciario para representar o sr. Antonio do Padre nos assassinatos que seu genro e administrador fizeram em Santo Antonio de Jacutinga.

O alferes Sabino, oriundo da capella do Belém desta capital, é quasi preto, até ás vezes pôde se confundir com qualquer negro fugido; negociou sempre com carne humana, isto é: vendia seus parceiros.

Por conseguinte a escolha feita pelo sr. Antonio do Padre foi de mestre.

Para defender brancos que matam pretos, só mesmo um preto. Como o sr. alferes Sabino é quasi analfabeto e vae só para arranjos exteriores, achamos de bom aviso que o sr. Antonio do Padre contracte um certo advogado desta cidade, que responde consultas em latim; porque por ser pertencente á raça negra ha de se prestar perfeitamente para advogar causas contra negros.

Fiquem sabendo as auctoridades de Jacutinga que nós havemos de acompanhar esse processo tintim por tintim.

Abolição em 89

O Brazil não pôde assistir impassivel, ao anniversario da data memoravel de 1789, sem se purgar da mancha da escravidão que, nos olhos das nações civilizadas, nos faz passar por selvagens.

As revoluções em que se assentaram as bases da nossa actual civilização, ha de ter uma commemoração digna de um povo, que se ufana em instruir-se nos livros daquelles que tanto stigmatizaram o privilegio das classes; daquelles que tão dignamente sustentaram o emblema da liberdade, igualdade e fraternidade.

Passados mais de dous seculos de injusta e ignominiosa oppressão á uma raça innocente, ainda é tempo de livrarmo-nos desse canero implantado no paiz pelos nossos antepassados; prestemos assim grande homenagem á epocha mais culminante da historia moderna.

Que até 1889, não exista um só escravo no Brazil.

Se até aqui, tem sido exiguos os elementos de que conta o partido abolicio-

nista, d'ora avante serão, esses mesmos elementos, engrossados pelas cohortes dos dignos prelados que, com muita justiça, condemnaram a nefanda instituição que nos atrophya, e não nos deixa caminhar á frente das nações civilizadas do orbe.

E' tempo dessa especie de nobreza que infelizmente está á testa da direcção do imperio, se alliar ao povo que já tem manifestado as suas idéas por meio da imprensa livre, e ao clero que agora tomou a si a gloriosa tarefa da remissão dos captivos.

Ao contrario: farão triste figura, aquellos que obstarem ao movimento que agita a sociedade brasileira, pois que, os ultimos defensores da bandeira negra, lançando mão de todos os meios justos ou injustos, só têm dado uma prova de fraqueza, e compreendido que estamos n'esse occaso precursor da aurora da liberdade do nosso paiz.

Mormos em São Paulo, onde não se pôde queixar da falta de braços, porque é grande a quantidade de imigrantes que para ella tem affluido, e bem assim a alta do nosso principal genero de exportação já permittem aos srs. fazendeiros, a transição do trabalho servil para o livre.

A idéa da abolição tanto ou mais nobre que a—separatista—deve ser abraçada por todos os paulistas, para assim inscreverem nas paginas da historia patria, mais um dia de gloria para a provincia, que viu nascer o patriarcho de nossa independencia.

A provincia que se orgulha em caminhar na vanguarda do progresso do do Brazil, não deve consentir que outras lhe tomem o passo, nessa momentosa questão.

DANNOT.

Promessa de liberdade

Continúa por toda a provincia o systema de reunirem os senhores os seus escravos e prometterem libertal-os por estes ou aquelles prazos.

Temos dito mais de uma vez que taes promessas de liberdade não passam de *mel-rosado* que querem esfregar na bocca dos abolicionistas.

Para nós simlhantes promessas não têm resultados juridicos; pôdem ser inutilizadas pelos herdeiros dos actuaes senhores ou da occasião as grandes de-

encontrem talvez nem advogado e nem justiça. A liberdade condicional na forma da lei deve ser concedida pelo senhor por meio de um papel escripto, assignado, competentemente registrado no cartorio de qualquer tabellião ou escrivão de paz—nos logares em que os escrivães de paz pôdem exercer o officio de tabellião.

E' tambem preciso que os possuidores de escravos—na phrase dos escravocratas—dêem baixa nas collectorias, já para o effeito de não pagarem o imposto provincial, já para se isentarem da multa imposta pela lei de 28 de Setembro de 1881 e seu competente regulamento.

Tudo que não for feito de conformidade com o que acima deixamos dito não se pôde chamar liberdade, mas sim—*engodo, tramoa, engano, mel-rosado?*

E' pois preciso que os abolicionistas, tanto da capital como do interior não se deixem levar por essa *forma* de dar liberdade.

Quem lucra é sempre o possuidor do escravo e nunca a causa da abolição.

O Perereca careca

Foi assim:

«A mesa gítorica terminara a sua valsa pela sala. O presidente começou a falar.

PERERECA:—Está aberta a sessão. Espiritos de justos, apparecei e dae sobre a mesa cabalistica as tres panca das sagradas!

UM ESPIRITO JUSTO:—Pancada tem você na bola.

PERERECA: (*aos circumstantes*) Este é um espirito damnhinho, talvez de algum fallecido abolicionista! (*ao medium*) Mande vir outro que este esteve muito malcreado. Parece que no outro mundo não têm o manual de educação! Venha outro!

O *medium* finca os olhos em uma mosca que fazia gymnastica nos cachos do Perereca, e nessa doce contemplação evocava uma alma para um.

Passados dez minutos nessa divertida expectativa... e de alma nem um pires! Ainda um quarto d'hora e... nada.

Decididamente o espirito estava amolando.

No fim de hora e meia o irmão Tortoroli murmurou:

—O jantar está esfriando. OS ERIRITOS EM CÔPO:—Cala a bocca, Belzebut!

O Tortoroli tremeu e ficou silencioso como um prego de esquite.

O *medium*, um rapaz de nariz chato, orelhas moveidas, dentes grandes e brancos como teclas de piano ou pedras de dominó, olhos verdes e amarelos, olhos nacionaes, continuava com a sua evocativa abstracção.

De repente, do pavio da vela stearina desprendeu-se, pela chamma vacillante acima, uma tenue fumaça leitosa, uma especie de garôa luminosa, que se foi accumulando, entre a meza e o tecto, de modo a desenharem os contornos diaphanos de um homem transparente.

Os frentes, attentos e meio receiosos, observavam a immaterial apparição. A imagem se condensava de mais a mais, sem, no entanto, attingir a precisão de uma realidade.

Todos olhavam com anciosa curiosidade.

O espirito sahido do pavio da vela, pouco a pouco, foi tomando a figura de um fazendeiro. Embora vaporosa, a apparição mostrava pertencer a illustre classe da lavoura, porque trazia um chapéo de *chile*, feito de nevoas; calçava um par de botas escuras como nuvens a noite, e com a mão direita vibrava um phantastico rebenque sorocabano.

PERERECA:—(*aos circumstantes*) Vêem, meus amigos,?! O meu artigo escravocrata foi lido até na lua! (*para o phantasma*) O sr. como tem passado?

PHANTASMA:—Bem, muito obrigado.

PERERECA:—O sr. é, sem duvida, algum lavrador que vem procurar seus escravos fugidos. Conte commigo.

A lei de Christo garante pelo codigo civil e criminal a propriedade. Os tribunaes...

O fazendeiro, translucido, interrompeu ao spirita escravocrata e falou no tom da visão de Hamlet.

—Pe! re! re! ca! roquejou elle, Não vim para pegar escravos fugidos.

Eu aqui estou, oh! Pe! re! re! ca! para te perguntar: que fizestes dos meus escravos, da minha fortuna, da minha honra?

TORTOROLI:—(*interrompendo*) Não fez a sua independencia.

PERERECA:—Cala a bocca, Tortoroli. Se continuas chamo o Pontes...

PHANTASMA:—Eu sou o espectro do commendador...

TORTOROLI (*obsequioso*) Qanta honra, sr. commendador...

PHANTASMA:—...Gouveia Castro Oh! Pe! re! re! ca! Te deixei no mundo sem vintem para comer e hoje dás banque á imprensa; não tinhas dinheiro nem para comprar espirito e hoje fazes espirito á custa dos pretos...

PERERECA:—Sombra implacavel, pavoroso espectro, ponha-se no blho da rua.

PHANTASMA:—Onde fizeste fortuna? No Cairo? em Taubaté? em Malta? na Beocia! (*ironico*) Eu sei em que paiz fizeste fortuna. Foi na Calabria. Ah! queres pegar os escravos de outros e não queres entregar os que foram meus á sua dona? Espera, Pe! re! re! ca! que eu te ensino!

Dizendo isto, o phantasma avançou enfurecido para o infeliz Perereca, agarrou-o pela cufurina nazarena e poz-se a sacudil-o como um damnado.

O Perereca gritava como possesso:

—Socorro, socorro! A mim Tortoroli! Me largue, seu espirito! Ail ai! Quem me acode?! Virgem Nossa Senhora! Ui! Allan Kardec! Ail!

O phantasma não se enternecia; cada vez sacudia com mais raiva e mais força. Arrancava punhados e punhados da opulenta cabelleira do Perereca. A balava ao Perereca, gritando com voz colérica:

—Me has de pagar, tudo, hoje, Pe! re! re! ca! Tu andas encabellado como Christo e eu hei de te deixar careca como S. Pedro!

Por fim o phantasma ergueu o Perereca pelas madeixas, girou tres vezes com elle pelo ar e o arremessou de encontro ao Tortoroli que, tremente, estava encolhido em um cauto.

A celebrada cabelleira a nazarena, ficou inteirã nas mãos do phantasma, que retirou-se, através das paredes, para os paramos infinitos, murmurando: Oh! Pe! re! re! ca! oh! Pe! re! re! ca! oh! re! re! ca! ..

* *

O Perereca perdeu assim sua coma. Tem hoje a cabeça lisa como uma

bola de bilhar. Se apparecer em publico de cabelleira, é postica. A legitima, o phantasma a levou. Os diabinhos estão com ella trançando um chicote para surrar o espirito escravocrata para quando ao inferno fôr.

Acabou-se a historia. No proximo numero contaremos outra

Associação para os pobres

De ha muito que se faz sentir, nesta capital, a necessidade de uma grande associação em auxilio da pobreza.

Já, ha muitos annos, sob a presidencia do Americo Brasiliense, fez se uma reunião no theatro *Provisorio*, com o fim de estabelecer um chicote para uma associação dessa natureza.

Não sabemos onde param essas bizes; talvez estejam ellas encaixadas na gaveta do sr. Americo Brasiliense, como andam empoeiradas as suas idéas republicanas.

Cada operario entrando com insignificante quantia mensalmente, sendo todo o capital bem dirigido, com esmolos, leilões de prendas e outros modos de aquisição, poder-se-ia fundar uma associação beneficente, que amparasse essa gente nos momentos da desgraça.

O que gastam nas tabernas, nos jogos, poderia com mais facilidade ser aproveitado em uma associação para socorrer-los, no tempo das *vaccas magras*.

Em S. Paulo, tudo se quer fazer e nada se faz

—Crearam *Instituto de advogados*; chegaram até a comprar mesas e cadeiras e... no fim de contas o *Instituto* morreu, por falta de quem se sentasse naquellas cadeiras.

Crearam *Instituto medico*. Principiou se logo a discutir si os medicos estrangeiros deviam ou não ser admitidos nesse *Instituto*. Morreu antes de nascer—como costumam morrer os filhos das escravas nas nossas fazendas.

Este paiz, completamente atrazado, onde os indios ainda fazem correrias e dão assalto aos fazendeiros, não pôde de modo algum competir com os paizes adiantados da Europa.

Aqui tudo é imitação: a Academia está longe do que são as Academias e as estadísticas não passa

de copiar os estatisticos estrangeiros. Os empregos, protegidos por grande numero de deputados que injustamente dá aquella provincia; a magistratura não passa de saltimbancos, na maior parte, que tocam e dançam, conforme pagam os assistentes; a representação nacional é feita á força do dinheiro dos candidatos ou por imposição do governo!

Si tudo está perdido, faça-se ao menos uma associação para amparar a pobreza, a fim de, em occasião de desgraça, não ser preciso estarem-se delapidando as algebras daquelles que possuem alguns bens.

Não ha esquinas nesta cidade em que não se veja um benemerito; não ha rua que não possua, pelo menos, uns cincoenta delles:—já houve até um conego aqui, que creou umas acções, chamadas da *Santa Casa*, que, para ser-se benemerito, bastava comprar uma delias.

Pois bem: em uma terra onde ha tantos benemeritos, que custa organizar-se uma associação protectora da pobreza?

Não queremos o logar de socio incorporador, nem tão pouco acções beneficarias, por isso.

Crie se uma associação que proteja os pobres; nós seremos um dos contribuintes.

A compra da imprensa e os jornaes da Corte

Ha bem pouco tempo a imprensa da Corte soffreu uma verdadeira decepção com a discussão travada no Senado, da qual ficou bem patente que a opinião da imprensa, na Corte, se compra da mesma forma porque os consumidores compram carne secca, feijão e outros generos de consumo.

Que a Corte é uma *babilonia*, onde a moral é a immoralidade; que na Corte os costumes tão corrompidos estão, que seria impossivel a Deus encontrar um Loth, si determinasse, como outrora o fez, reduzir aquillo a um lago, tal como o fez a Sodoma e Gomorrha:—nós já o sabiamos.

Julgamos, porem,—que no meio dessa dissolução social a imprensa se conservava intacta fazendo do jornalismo um sacerdocio.

A discussão do Senado veio tornar patente que na Crôte tudo se vende.

Au Bon Diable

Enxovaes completos para collegiaes

Rua Direita, 49

SINITE PARVULUS VENIRE AD ME

AU BON DIABLE

Rayon especial de roupinhas para creanças

Sortimento colossal—UNICA DA PROVINCIA—Preços da importação

Au Bon Diable

Camisas, ceroulas e meias para creanças

Rua Direita, 49

Como poderemos nós, ler e acreditar na insistência com que alguns jornaes de lá encampam como suas, certas doutrinas e elevam certos homens?—si o dinheiro é que regula tudo, a virtude de um homem sem meios nunca poderá apparecer!

Si reduzirmos a imprensa a uma taverna onde tudo se vende, —que será de nosso paiz lá tão desmoralizado?

Si o governo tem direito de, com o dinheiro do Thesouro, pagar pennas habilitadas para elogiarem todos os despropósitos que elle faz, então a imprensa é uma mascarada que nada significa.

Felizmente parece que nesta provincia a imprensa ainda está collocada em um pé de poder dizer a verdade ao povo e ser acreditada.

Comtudo, achamos tal facilidade de elogios por qualquer facto insignificante, que já não sabemos de que *chapa* poderão usar os nossos collegas quando for preciso fazer um elogio justo, e merecido.

Não ha dia em que não se leiam nos jornaes daqui sahidas e entradas de tipos completamente desconhecidos, com os adjectivos —«nosso estimado amigo» «os honrados negociantes» e outras sandices que mostram que a imprensa se humilha a troco de uma assignatura.

De jantares e comezainas temos noticias quasi que diariamente. Ha até jornaes que, com o maior descoco deste mundo, costumam trazer a innumeração das comidas em termos afancezados.

Comtudo, cumpre confessar que a imprensa de S. Paulo ainda tem seu quê de honesta.

Não houve ainda quem fosse capaz de afirmar ter comprado a opinião de qualquer jornalista desta Capital.

No Rio a redacção invadiu tudo, intencionalmente, ali que se deu o primeiro exemplo do assassinato de um jornalista impudico.

A liberdade do trabalho

I

É preciso que a lei garanta a cada um o pleno gozo dos productos do seu trabalho.

LAVELYE.

Seculos de obscurantismo, seculos de atraso, tem sido o castigo das nações que tem possuido escravos.

Os exemplos da historia pullulam a cada passo para attestarem os desastres moraes e financeiros que asoberbaram essas nações, reduzindo-as ao triste papel de automatias perante a civilização.

Entretanto, ainda se duvida no Brazil da realidade de factos que forem a mais difficil intelligencia, e se procura porisso embaraçar a marcha triumphante da idéa abolicionista.

Puro engano!

A abolição dos escravos no Brazil está hoje fatalmente resolvida pela civilização, e não ha governo que possa impedir-a.

Decretam-se leis retardatarias, como a de 1885, denominada Cotegipe—Saraiva, mas as provincias desprezam-nas e procuram quanto antes lavar do pavilhão da mancha negra que tem mais que tudo aviltado o paiz, deitando o seu progresso.

O Ceará e a Amazonas estão livres, o Rio Grande do Sul e o Pará quasi estão, e S. Paulo, provincia agricola—cafeeira, dependendo de muitos braços, está tambem desenvolvendo a abolição de uma maneira louvavel e digna de applausos.

E o governo está mandando caçar escravos fugidos e re-escravar homens livres!

Não contente ainda com tanto aviltamento para captar as boas graças dos fazendeiros e senhores de escravos, o governo corrompe a magistratura, obrigando-a a reformar sentenças para reduzir homens livre á escravidão!

Manda pela sua imprensa assalariada *diffamar* os abolicionistas, como *demonstradores das instituições*, e para illudir

a propaganda procura ainda intrigar os mesmos abolicionistas com as idéas democratas!

Baldado esforço.

A mentira que se ostenta ousada para proteger os interesses do estomago, não tardará desaparecer, corrida de vergonha, para dar lugar á verdade, á justiça, á liberdade do escravo.

Galeria republicana

RETRATOS A' PENNA

(CLUB REPUBLICANO DE SANTOS)

III

Este não é pescoco, mas tambem não é homem; é um canhão.

Onde elle estiver está o barulho, o movimento, a desordem, o aparato de guerra. Porque?

A razão é simples: uma metralha de palavras bonitas, cheias de grande effecto, sae-lhe da bocca, com grande ruído, destruindo tudo...

Discute com todos e por tudo...

Gost' de fallar e muito... Ninguém queira lhe ser adversario, porque sae vencido, humilhado com a logica esmagadora da metralha que destróe argumento por argumento por mais solido que seja...

Onde elle estiver, está o barulho...

Porque? Porque o meu terceiro da Galeria fez a campanha do Paraguay...

X

Alto, robusto, fornido de carnes; côr escura, usa *cavaignac*, tem o olhar subranceiro e aspecto militar. Eis ahí este canhão desenhado á penna com a maxima fidelidade...

Si, ainda assim, não o conhecerem, vão ao Club, e lá o encontrarão rodeado de admiradores a contar peripécias da guerra do Paraguay, epiodios pitorescos e cheios do fumo das batalhas, factos que presenciou com os proprios olhos que a terra *hade comer* e factos que tambem não presenciou...

X

Como orava para a revolução contra a monarchia, podia ser collocado dentro do n. 2, que estava salva a patria... Havia barricada e canhão...

Não é pescoco, nem tão pouco é homem; é um canhão de *cavaignac* e aspecto militar.

Falla muito, e sempre, sem cansar, ininterruptamente, que faz-nos crer estar ouvindo um mudo que acaba de recobrar a falla, e que não deixa de virificar se de facto a recobrou...

Tem um bello porte para coronel da guarda nacional...

É um canhão...

...de *cavaignac* abolicionista, republicano revolucionario, mais verboso que os oradores de Campinas.

É um rapaz de cincoenta annos, que fez a campanha do Paraguay...

X

Não conhecê-lo seria crime de lesa-republicanismo.

Santos, 29—7—87.

P.F.

CORRESPONDENCIAS

Mogy-mirim, 24 de Agosto de 87.

S. Redactor

A nossa boa cidade vai indo felizmente bem; já ha tempos que não se dá um assassinato, um rapto, emfim, esses crimes, que, em cidades do interior, são muito usuaes.

Hoje, por exemplo, estava eu no meu escriptorio, fazendo uma petição pensando com os meus botões na paz que gozamos, e ao mesmo tempo lamentava a escassez de diversões: quando em S. Paulo gozam e admiram Giovanni Emmanuel, nós aqui ouvimos apenas o mugido das vacas, etc.

Quando proseguia o meu pensamento, vi passar montado em seu bom ginete, o nosso bom Renato (da *Gazeta*). Elle, conforme o seu habito, ia todo

pimpão, trajava elegantemente, os seus gestos sempre interessantes. Mas tive occasião de fazer uma descoberta importantissima: quando o Renato sae ás tardes, tem elle a feliz idéa de escolher logares, onde o sol bate o seu reflexo nos muros, para assim elle vêr a sua sombra, que parece a do grande Bonaparte, ou antes a de d. Quixote. Tem idéas este Renato!

Para si, foi e está sempre sendo bom. Outros nossos companheiros queixam-se que não ha trabalho para os advogados e entretanto elle sempre está ás voltas nos cartorios.

Agora, elle é muito feliz, porque é muito bonito...

**

Chegaram hoje a esta cidade 8 escravizados, pertencentes aos srs. Manoel Jinjão e seu mano José Jinjão. Vieram pedir a protecção do sr. promotor publico. Queixam-se amargamente de máus tratos, castigos de bôlos, etc., isto digo segundo me informaram.

Agora é preciso saber se estes miseraveis escravizados são livres, com a celebre idéa de prestação de serviços por tres annos.

E depois, a *Gazeta*, que se diz abolicionista, tece pomposos elogios a todos que libertaram escravos com condição; até a um valente capitão do matto, que libertou um *molequezinho* de sessenta e cinco annos, um louco e um que não estava matriculado, foi alvo de uma pomposa noticia que o elevava até á lua.

O gago da *Gazeta* é um finório de força.

Até breve.

DUPRAT.

Jacuray

Registramos com prazer, diariamente a redempção dos captivos.

Não queremos perturbar ninguém por gosto; mas não nos perturbem em nossa missão civilisadora. Se são bons christãos, lembrem-se da maxima de Christo: «Não faças dos outros aquillo que não queres que te façam.»

Trabalhemos de commum accordo; vinde á collectoria todos os dias, que de tal forma comprais os vossos socorros, e tornais-vos mercedores de nossa estima. Se ao contrario, nos injuriais e nos lançaes espinhos nesta estrada tão limpa e acceida, teremos de desviar o sem no importar que elles vos offendam, e quando as angustias vos amargem como fel a nossa indiferença fará com que de cada vez travor se torne mais insupportavel.

Pela regularidade das baixas de matricula que se opera todos os dias, queremos acreditar que o municipio firmará dentro em pouco tempo um exemplo digno de ser imitado, valendo-nos o conceito de generosos e civilisados.

As 162 liberdades realisadas adicionamos:

A sr. d. Veridiana Augusta Nogueira Porto, deu liberdade, com baixa de matricula, a vinte e seis escravos com a condição de a servirem pelo prazo de 3 annos.

O capitão Candido de Siqueira Cardoso, mediante condição de o servirem pelo prazo de 3 annos, libertou seus oito escravos, igualmente com baixa de matricula.

Foi este o resultado magnifico do dia 25 e para honra e satisfação das boas almas começamos a publicar os nomes que se acham a salvo da pecha negra:

Domigos José da Silva Guimarães, Bento Joaquim da Costa, Mariano Rodrigues Chaves, José Rodrigues Chaves, Antonio Ferreira Braga, José Pinto Pereira Bastos, Bento Joaquim de Moraes, José Dias de Moraes, Francisco Lopes Chaves, Veridiana Augusta Nogueira Porto, Carlos Frederico Moreira Porto, Candido de Siqueira Cardoso.

A IDEIA CAMINHA

Ante-hontem, tivemos o prazer de annunciar 123 liberdades realisadas.

Hoje vimos trazer mais:

José Rodrigues Chaves deu baixa de

matricula, mediante serviços até 1890, a seu ultimo escravo de nome André.

Carlos Frederico Moreira Porto, deu baixa de matricula e por conseguinte liberdade a seus escravos Pedro, Caetana, Benedicta e Delphina com a condição de o servirem até 31 de Dezembro de 1889.

Do modo pelo qual se vae communicando o pensamento que dirige a solução desta reforma, cremos não interromper a serie de registos desta ordem.

Quanto mais espontaneidade houver da parte dos possuidores, tanto mais pacifica e sympathica raiará a manha da liberdade municipal.

Quanto menos resistencia e e reluctancia houver, tantos menos odios e prevenções.

A sociedade em que vivemos é uma familia: cada membro desta sociedade ou familia tem o dever de não considerar-se privilegiado e sagrado: tem o dever de subordinar as suas accções á opinião geral, áquella que corresponde de melhor aos sentimentos generosos.

Toda a causa que tem por simples ponto de mira o interesse material, deslustra quem a defende: toda a causa que defendemos em nosso exclusivo proveito, rebaixa-nos e avilta-nos.

Quem accelera reformas sociais não amadurecidas é perturbador: quem resiste á reformas necessarias, vencedoras, sazoadas e moraes é anarchista, é membro de familia indigno da communhão social.

O CLUB.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Em Sorocaba, fazem annos, os republicanos proprietarios do *Diario*, que apesar de não serem abolicionistas, não deram liberdade ao Benedicto do *Diario*.

O Arthur Soares faz annos logo abaixo dos pés de S. Miguel, em Sorocaba, por não dar liberdade a seus escravos.

Ficam esperados para fazer annos, os proprietarios do restaurante da lista enviada de Sorocaba, por ser a letra tão disfarçada que não entendemos.

Faz annos, no mesmo logar, o autor da lista, por ser tão medroso que mudou a letra de forma a não poder ser entendida.

Faz annos, em Itú, o Antoninho Xavier, que por troça assignou a *Redempção*, tendo já feito por troça quando imperador do Divino e ainda fará annos quando por troça der risadas.

Faz annos todos os dias, nesta cidade, Carolina Teixeira das Neves, todas as vezes que mandar dar buscas na casa dos outros para tirar a preta Bazília.

No Amparo, faz annos, João Feliciano, percorrendo as ruas em um cavallo morphetico.

Paulino Pires, tambem faz annos no Amparo, montado em um cavallo com umas botas, onde os dedos livremente sabem por umas janellas o que se passa nas ruas.

Em Serra Negra, faz annos o escravocrata curandeiro Nicolau Pereira que gosta de assistir sentenças de açoites, animando os verdugos a passarem o bacalhau pela areia.

Em Caçapava, faz annos, o chico Salgado, capitão do matto, por pegar seus parceiros.

No mesmo logar, faz annos, o caboco sem vergonha, por ser capitão do matto.

Faz annos no mesmo logar, se ainda não tiver feito, o mesmo porque deve fazer Antonio Lopes em quanto não tiver dinheiro, para negociar com escravos.

Em Taubaté, faz annos o negro bode negociante de seus parceiros João Leandro.

Fazem annos, em Taubaté, os Liberaes, que não imitam os conservadores dando liberdade a seus escravos.

Em Itú, fazem annos, todos os republicanos que por não terem vergonha são escravocratas.

O guarda Urbano Innocencio de Mello Franco que sendo captivo ha pouco tempo pegava seus parceiros para ganhar.

Faz annos no Amparo, o Jeca Potro, filho do inventor do bacalhau de arame.

Faz annos, em Itú, Francisco de Paula Vianna, por ter lem de outros um pobre preto de nome Antonio, sem um braço, e em ferros!!!

Faz annos, o escravocrata Macedo, que, apesar de ser tal, quer á força herdar da preta velha Rosa... o que veremos...

Faz annos, um cordão de ouro que

traz no pescoco o dito cujo que quer ficar rico a custa dos pretos.

Faz annos, em Itatiba, o Jacintho do Campo, dentro de um vallo, ficando esperado para fazer annos aqui quando vier do Itatiba o batedor de carteiras Brandão.

Em Pindamonhangaba, ficam todos esperados por falta de listas que de lá remettam.

Em S. João do Rio Claro, faz annos, o negociante Baptista Ferraz.

Faz annos, em Porto Feliz, Francisco Antonio da Fonseca, liberal escravocrata.

Tenente-coronel Luiz Antonio de Carvalho, faz annos, em Porto Feliz, primeiro como republicano e depois como tenente-coronel liberal, ficando sem effecto o manifesto que assignou, que tambem faz annos.

No mesmo logar, faz annos, José de Sampaio Góes.

Faz annos, tambem em Porto Feliz, Manoel Floriano de Toledo.

Tambem faz annos, Antonio de Paula Leite, casado escravocrata.

Tristão Pires Guerreiro, republicano com uma preta que no monjolo faz annos, com o mesmo leudo a *Redempção*.

Faz annos, o José Paz de Almeida Moraes, subdelegado, que goza do trabalho de uma porção de libertos.

SECÇÃO PARTICULAR

Bem feito

No sabbado, 20 do andante, apresentou-se na freguezia da Penha de Franca, um individuo de nome Jacintho do Campo, tendo passado o dia em dita freguezia; porém, como suspeitar os fins que ahí levaram a esse individuo?

Mas, cedo, elle se fez conhecer.

Havia já anoitecido, e Jacintho passeiava pela freguezia e em seu passeio encontra um grupo de pessoas sentadas em lugar um pouco escuro, elle então,

reconhecia-as ao grupo se chega, e tendo o cigarro accezo, procura com o lume do mesmo fazer a luz da qual necessitava, para conhecer quem eram as pessoas que ahí estavam, mas, infelicidade! as pessoas eram muito conhecidas delle, e então, fica elle muito desapontado, e ahí fica onde travam conversação, e desta resulta Jacintho confessar os seus fins ahí nesse logar. Pois, elle ahí tinha ido em busca de uns escravos fugidos, pertencentes a João Alves, morador em Itatiba, e assim fazia por ordem de Brandão.

Os nossos amigos dessa freguezia, que então reconhecem em Jacintho do Campo, nada mais do que um miseravel capitão do matto, incontinenti tratam de dar-lhe a devida recompensa.

Pegam o Jacintho, esfregam-lhe bem o lombo e mandam buscar um bem preparado crystal de pimenta, porém, como este se demora a chegar, elles, querendo deixar para Jacintho, uma lembrança saudosa iam castral-o, porém, como elle gritasse muito, mesmo muito, acode ao logar umas mulheres, que supplicam dos nossos, compaixão e misericórdia, para esse miseravel; os nossos amigos, dotados de bons corações, attenderam ao pedido dessas mulheres, terminando por atirarem num vallo cheio de gravatáz, o nosso Jacintho, onde elle, amarrotado, espinhado, com o lombo bem escovado, foi se arrastando, para onde ou até onde?... não sabemos.

Sabem quem é o tal Jacintho do Campo? e por aqui vejamo o que pôde ser... um individuo que faz, quando muito, seis mezes que deixou a casa de correcção.

Sabem quem é o tal Brandão? é um individuo que foi fiscal em Itatiba, que foi em S. Paulo tanta cousa, tanta mesmo, que só as carteiras e os gatunos de alta escola poderão dizer quem é esse heróe.

Parabens oh! povo da Penha, que sabeis repellir e castigar esses cana-lhas que ousam ir perturbar-vos nas horas de vosso descanso após vosso trabalho; continue a castigar os quando por ahí apparecerem esses ladrões, porque se alguém vos maldizer, milhões vos abençoarão, e que o exemplo que destes seja por muitos imitados eis o que desejamos.

Um caipha,

A PRINCEZA DO NORTE

9--RUA DIREITA--9

ANTIGA MASCOTTE
DIAS LEAL & FILHOS

têm a subida honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta briosa capital, bem como às exmas. familias do interior, que abriram um importante estabelecimento de fazendas de lei e de phantasia, armarinho, modas, etc., etc.

Tudo novo! Magnifico! Deslumbrante!

A concurrencia de preços, bem como a especialidade rara no nosso **Enorme sortimento**, habilita-nos a vender qualquer artigo concernente ao nosso vasto negocio por menos do que poderá ser vendido em outra qualquer parte.

A PRINCEZA DO NORTE

é sem a menor contestação o estabelecimento mais importante no seu genero, nesta cidade; e, sendo já assás conhecidos os seus proprietarios, esperam merecer o valioso concurso das respeitabilissimas familias em geral.

GRANDE VARIEDADE

do que ha de melhor em cretones, chitas, morins, brins, flannels, chales, fichús, rendas, lãs, popelines, nanzoucks, botões, galões de phantasia, algodões colchas e cobertores. Desde o seu começo esta casa vae encetar o seu systema de vender por preços incriveis e inimitaveis l...

A PRINCEZA DO NORTE

ANTIGA MASCOTTE

QUASI EM FRENTE AO ZUAYO

9, RUA DIREITA

RUA DIREITA, 9

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la derniè-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
lenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos proprios para o
frio

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.